

Narrativas e diferenças em língua brasileira de sinais

Lodenir Becker Karnopp

Madalena Klein

Resumo

Produções culturais em comunidades surdas, mais especificamente, narrativas produzidas em língua brasileira de sinais, foram analisadas com o objetivo de verificar a inscrição do surdo em tramas narrativas diversas. Este estudo filia-se aos Estudos Culturais em Educação, por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social, e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de populações. As narrativas produzidas em língua de sinais evidenciam a forma com que a comunidade surda vem imprimindo significados na constituição de identidades e diferenças. Tais narrativas convergem para o entendimento dessa comunidade como grupo cultural e como minoria linguística.

Palavras-chave: estudos surdos; narrativas; diferenças individuais; língua brasileira de sinais.

Abstract

Narratives and differences in the Brazilian sign language

This paper analyzes cultural productions in deaf communities, more specifically, narratives produced in the Brazilian sign language, with the aim of verifying the description of the deaf in many narrative frames. This study is affiliated to the Cultural Studies in Education because it understands culture as a field of battle over social meaning and to the Deaf Studies, for conceiving the deaf culture as a space of contestation and constitution of identities and differences that determine the life of people and populations. The narratives produced in sign language show the way that the deaf community has impressed meanings in the constitution of identities and differences. Such narratives converge to the understanding of this community as a cultural group and as a linguistic minority.

Keywords: deaf studies; narratives; individual differences; sign language.

Sobre as ferramentas conceituais: narrativas e diferenças

96 Vivemos, certamente, entre muitas narrativas, trazidas, frequentemente, pelo cinema, pela mídia, pela literatura, pelos jornais, pelas oportunidades do cotidiano, pelo Facebook etc. A comunidade surda está plena de narrativas que circulam nesses meios, sendo disponibilizadas majoritariamente em textos escritos na Língua Portuguesa, mas há também narrativas contadas em língua de sinais. Tanto as narrativas em textos escritos quanto as traduzidas ou produzidas em língua de sinais constroem imagens de ser surdo/ouvinte/implantado/deficiente auditivo,¹ constituindo imagens da diferença, enfatizando alguns contornos identitários e borrando outros, fixando personagens, pondo em relevo algumas representações, borrando fronteiras, definindo grupos; enfim, estabelecendo práticas e traçando perfis. Os sujeitos surdos continuam se constituindo em grande parte por meio das pequenas e cotidianas histórias que nos explicam vidas, trajetórias pessoais ou de grupos, modos de ser, acontecimentos. Dentro deste entendimento mais geral, desenvolvemos neste artigo análises sobre as narrativas que circulam na Língua Brasileira de Sinais (Libras), a língua da comunidade surda brasileira.

Entendemos narrativas como um discurso conectado com a invenção, criação e manutenção das práticas culturais e das identidades e representações que elas produzem. Essas práticas são lugares em que se pode esperar que ocorram diferentes coisas, em que se produzem interseções de diferentes possibilidades. É nessa vertente que as análises do presente artigo se inserem: no entrecruzamento entre narrativas e diferença, um tema que interessa aos Estudos Surdos.

¹ Trata-se aqui de uma crescente rede de relações de oposição, historicamente constituída, em que a relação binária ouvinte/surdo se multiplica no campo de luta por determinação de identidades e diferenças.

Deve-se registrar, inicialmente, a intensidade com que a temática das diferenças tem adentrado em pesquisas vinculadas aos Estudos Culturais e aos Estudos Surdos, em especial na última década, conectadas aos discursos que emergem tanto das lutas de grupos antes subalternizados quanto de mudanças políticas e decisões legais recentes, resultantes de tais lutas ou a ela articuladas, a exemplo da Lei nº 10.436/2002, que oficializou a Libras como língua das comunidades surdas brasileiras. Tais mudanças derivam de reivindicações no espaço político e cultural, considerando a afirmação de Silva (1999, p. 33): “Os questionamentos lançados às epistemologias canônicas, às estéticas dominantes, aos códigos culturais oficiais partem precisamente de grupos sociais que não se veem aí representados”.

Essa “virada cultural” está intimamente ligada a uma nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. Assim, consideramos que, se a cultura de fato regula nossas práticas sociais, então aqueles que precisam ou desejam influenciar o que ocorre no mundo ou o modo como as coisas são feitas necessitarão, *grosso modo*, ter a “cultura”, de alguma forma, em suas mãos, para moldá-la e regulá-la de algum modo ou em certo grau. Nas palavras de Hall (1997), a cultura é central não porque ocupe um centro, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos. Canclini (2005) analisa a cultura segundo aqueles que a fazem ou vendem não como um fim em si mesmo, mas imersa em circuitos em que são produzidos e consumidos significados.² Neste sentido, o autor pondera que:

Devemos considerar não só as definições múltiplas sobre o cultural dadas pelas ciências humanas e sociais, mas também as conceituações feitas pelos governos, mercados e movimentos sociais. As maneiras pelas quais se estão reorganizando a produção, a circulação e os consumos dos bens culturais não são simples operações políticas ou mercantis; instauram modos novos de entender o que é o cultural e quais são seus desempenhos sociais. (Canclini, 2005, p. 49).

Assim, interessa neste artigo entender como vem se constituindo a cultura surda, por meio do modo de organização da produção, da circulação e do consumo dos bens culturais dos surdos, e quais modos de vida são postos em evidência e priorizados em narrativas diversas. Entendemos que por intermédio das narrativas, as identidades e as diferenças são selecionadas, valoradas ou apagadas. Tomando por base os escritos de Hall (2000) e de Woodward (2000), a identidade emerge não de uma essência de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo. As diferenças não são marcas naturais fixadas nos sujeitos; são efeitos de certos modos de representar a materialidade, de priorizar determinadas maneiras de ordenar e produzir hierarquias sociais. Neste viés, algumas diferenças são marcadas, mas algumas podem ser apagadas; por exemplo, a afirmação da identidade surda pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero. Nessa complexa arena

² Denominado por Du Gay *et al.* (1997) de circuito da cultura.

de significados produzidos pelas representações, Hall (2000) sugere que identidades e diferenças são criaturas da linguagem e da representação; são, portanto, contingentes, resultam da intersecção de diferentes componentes, e são também interdependentes, uma vez que a definição de uma identidade depende fundamentalmente da marcação da diferença (ou daquilo que ela, identidade, não é).

Contudo, não se trata apenas de “dividir o mundo” entre surdos e ouvintes ou em outras categorias descritivas, e sim levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos em relação a outros. É nesse exercício analítico que buscamos compreender as narrativas que circulam em língua de sinais, já que “[é] por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (Hall, 2000, p. 18).

Conforme a análise que desenvolvemos neste artigo, em produções culturais diversas evidenciam-se narrativas positivamente valoradas, por meio da referência à marcação da diferença surda; ao uso da língua de sinais; à experiência visual; ao pertencimento a uma comunidade surda; à experiência linguística bilíngue; ao uso dos recursos de acessibilidade. É precisamente no campo cultural que os surdos investem no jogo das *possibilidades de delegação*, ou seja, quem tem o direito de representar quem, bem como nas *possibilidades de descrição*: como são nomeados, classificados, adjetivados e apresentados nas diferentes formas de inscrição cultural (Silva, 1999).

Assim, as narrativas, os discursos, bem como as representações, situam-se num campo estratégico de poder, como enfatiza Hall (1992, p. 293): “[...] é o poder, mais do que os fatos sobre a realidade, que torna as coisas ‘verdadeiras’”. Ao analisarmos as narrativas produzidas em língua de sinais, consideramos que as representações que emergem desses materiais não são um campo passivo de mero registro ou expressão de significados existentes, mas, por meio das representações, travam-se batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares. Nesse campo discursivo, a identidade é ativamente produzida na e por meio da representação: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo.

As narrativas cumprem também uma função política e poética, função que pode estar mais ou menos evidente nas produções culturais em Libras ou nas representações que emergem dessas produções. Embora ambas estejam intimamente relacionadas, podemos dizer que a função poética está mais preocupada com o *como* da representação, em *como* a linguagem produz significados, e a função política está mais centrada nos *efeitos* e nas *consequências* da representação, ou seja, em como o conhecimento produzido pelo discurso se conecta como poder, regula condutas, constrói identidades e subjetividades (Silva, 1999).

A análise de narrativas pressupõe a exploração não só do que é dito, mas também de como é dito. Olha-se para o conteúdo e para a forma, sendo possível examinar o modo como a linguagem é usada. Assim, metáforas, analogias, semelhanças e outros tipos de imagens fornecem indicação sobre um significado diferente do que é dito (Galvão, 2005).

Uma das justificativas para a realização de análises sobre as produções culturais em comunidades surdas relaciona-se à necessidade de conhecermos não somente histórias contadas *para/sobre* os surdos na língua portuguesa, mas também

histórias em Libras, histórias contadas *por* surdos, sobre suas experiências e seu cotidiano. Ao delimitarmos nosso campo investigativo, fazemos uma reflexão sobre as narrativas dos surdos e optamos por explorar meticulosamente a rotina, o cotidiano, as experiências de ser surdo (Padden, 2011). Nessa direção, conhecer tais histórias justifica-se por motivos semelhantes aos que levam a romancista nigeriana Chimamanda Adichie (2009) a defender o afastamento do dogmatismo de uma história única.³ Múltiplos textos, vários narradores e diferentes línguas trazem narrativas para fora das confidências da díade analítica de uma comunidade de pessoas que partilham um mesmo mundo (Karnopp, 2013).

É preciso fazer também alguns destaques sobre os usos e significados do conceito de narrativas na presente análise. Uma breve incursão nesse conceito aponta que há um sentido mais tradicional de narrativa – classicamente ancorado na retórica, na estilística, na crítica literária – segundo o qual narrar está relacionado a contar histórias. Assim, narrar é mostrar – no discurso – uma sequência de eventos, de alguma forma inter-relacionados, encadeados, que se tece em torno de um problema central, o chamado nó narrativo. Prevalece a ideia de *ação*, de *transformação*, de ligação com a *temporalidade*. No entanto, há um sentido derivado tanto de *narrativa* como de *narrar*, que parece ser o mais usado em alguns textos da área de educação, mais frouxo, mais amplo, correspondendo, proximamente, a “discursos”, “enunciados”, “verdades” e, no caso do verbo *narrar*, a “apresentar”, “descrever”.

Ao trabalharmos com narrativas no presente artigo, lidamos com representações que emergem das histórias que são contadas, da interação que se estabelece e das interpretações que são feitas. Para Galvão (2005), as histórias constituem elementos dos casos que se estudam e a generalização é sempre problemática; a sua validade, no entanto, está no fato de ser contextualizada e analisada sob diferentes perspectivas.

Podemos citar alguns elementos das narrativas, tais como a presença de passagens descritivas, de personagens, de narrador, de enredo, bem como do tempo da narração, das elipses, dos efeitos de realismo e da verossimilhança. Os gêneros textuais predominantemente narrativos mais tradicionais são as epopeias, novelas, contos, romances, biografias, autobiografias; mas há os gêneros estudados mais recentemente: notícias, piadas, crônicas, registros de ocorrência (policiais, escolares etc.), histórias de vida, notas de *blogs*, histórias de literatura infantil etc. No entanto, sempre se associa narrativa a “um caráter social explicativo de algo pessoal ou característico de uma época” (Galvão, 2005, p. 329).

Narrativas com estilos e estruturas diferentes são modos de representação que os narradores escolhem, por vezes de acordo com o que pensam ser a expectativa do público/ouvinte/leitor. A narrativa é “composta por começo-meio-fim ou situação-transformação-situação e com um assunto, conteúdo, que permite ou encoraja a projeção de valores humanos a partir dela” (Galvão, 2005, p. 330). Arfuch (2010) examina narrativas autobiográficas e nos mostra a recorrência de algumas temáticas culturalmente privilegiadas nesse tipo de narrativa.

³ Adichie, escritora nigeriana, narra algumas histórias pessoais sobre aquilo que ela gosta de chamar de “o perigo da história única”.

As narrativas apresentam múltiplas possibilidades de análise e neste sentido é importante considerar um breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem identidades e diferenças. Silveira (2005) traz reflexões sobre as narrativas e sua potencialidade para análise no âmbito da educação, citando algumas possibilidades de olhá-las de modo perspicaz, com base em alguns tópicos clássicos, como: (a) a análise das formas de nomeação dos personagens e protagonistas; (b) a análise das formas de descrição; (c) a análise da agência e de sua (in)determinação; (d) a análise dos desfechos das narrativas.

Nesse contexto, os surdos não só narram histórias que dão sentido às práticas sociais, mas também trazem histórias que os ajudam a dar sentido ao mundo, evidenciando traduções de si e dos outros. O modo como organizam as narrativas e interagem com o público (surdo/ouvinte/misto) evidencia experiências de ser surdo, de vivenciar situações de bilinguismo, em contextos múltiplos, variados, de tolerância, proibição ou acolhimento. No entanto, o significado de tais narrativas é fluido e contextual; não é fixo nem universal.

Então, dentro desse quadro foram produzidas as análises do presente artigo, resultantes do relatório do projeto *Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira*⁴, disponibilizado em versão bilíngue (Libras e Português), em DVD (Karnopp *et al.*, 2013). A referida pesquisa constituiu um alentado acervo de produções culturais em comunidades surdas, que pode ser abordado tanto de forma geral quanto pela focalização de aspectos mais pontuais dessas produções. Será sobre esse acervo mais geral que faremos algumas incursões no presente artigo, tendo como base as narrativas recorrentes disponibilizadas no relatório da pesquisa.

Sobre a materialidade investigada

A pesquisa interinstitucional *Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira* reuniu materiais que foram selecionados e organizados por pesquisadores de três instituições de ensino superior (IES) participantes do projeto, abrangendo diferentes formas de mapeamento das produções culturais surdas, descritas a seguir.

Primeiramente foi realizado um mapeamento das produções artístico-culturais, identificando as obras que circulam nas comunidades surdas brasileiras, publicadas e divulgadas nacionalmente, em eventos, bibliotecas e ambientes virtuais. Assim, foi organizado um banco de dados das produções culturais surdas nos seguintes espaços:

- a) Produções editoriais disponíveis no mercado editorial, tais como livros e DVDs.
- b) Produções com circulação livre na internet, de modo mais específico as narrativas em Libras disponíveis no YouTube.

⁴ Projeto desenvolvido por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com pesquisadores dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Contou com o auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do Ministério da Cultura, por meio do Edital 7/2008 (Capes/MinC – Pró-Cultura).

- c) Produções dos acadêmicos do curso de graduação em Letras-Libras (Turma 2008), com foco em trabalhos apresentados em Libras, na disciplina de Literatura Surda.
- d) Produções informais, como livros, fotos, artesanato, desenhos, filmagens e outras produções artístico-culturais, disponíveis em associações de surdos, escolas de surdos etc.

O segundo mapeamento possibilitou a identificação de produções culturais que circulam em diferentes regiões brasileiras. Para isso, foram realizadas, pelos membros da pesquisa, viagens com o objetivo de identificar tais produções, prioritariamente em regiões/cidades onde os surdos estão organizados, por exemplo, associações de surdos, espaços educacionais, federações de surdos, entre outros. Nos encontros regionais, em cidades-sede, foram coletadas produções artístico-culturais presentes em comunidades surdas. As cidades visitadas foram: Rio de Janeiro, Brasília, Florianópolis, Porto Alegre, Recife, Fortaleza, Belém, Curitiba, São Paulo e Campo Grande. O registro de todas as produções artístico-culturais identificadas nessas regiões foi feito com fotos e filmagens, o que possibilitou a catalogação e análise da diversidade artístico-cultural.

O terceiro mapeamento das produções culturais surdas foi realizado por meio da organização e promoção do Festival Brasileiro de Cultura Surda⁵, sendo o primeiro evento no Brasil a dar visibilidade e contribuir para a divulgação das produções culturais das comunidades surdas brasileiras. O Festival possibilitou que artistas enviassem suas produções culturais e também favoreceu a circulação e o consumo de produções locais – de artistas escolhidos nos encontros regionais – em um circuito nacional. Por meio do desenvolvimento da programação, foram realizados cursos e debates sobre a produção cultural de comunidades surdas por intermédio do encontro de artistas, pesquisadores e público. Os cursos e apresentações artísticas possibilitaram discussões sobre eixos temáticos: cinema/mídia; teatro; literatura; artes visuais – em comunidades surdas – e houve também a presença de artistas surdos de outros países, com produção reconhecida pela comunidade surda. Deste modo, foram potencializados intercâmbios entre os diferentes atores envolvidos na produção, na circulação e no consumo da cultura surda brasileira.

Essas formas diversificadas de mapeamento da cultura surda brasileira estão sistematizadas e apresentadas no DVD *Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira* (Karnopp, 2013), o qual analisamos neste artigo. O DVD, realizado por pesquisadores das três instituições parceiras, contempla uma versão bilíngue Libras e Língua Portuguesa: apresentação sinalizada, acompanhada de legendas em português e ilustrações dos materiais empíricos.

Mesmo que não consideremos exaustivo o acervo do Projeto, não se pode minimizar sua representatividade em relação ao panorama das produções culturais surdas, considerando que ele soma uma significativa quantidade em cada um dos locais investigados; por exemplo, encontramos 97 obras, impressas e/ou em DVD,

⁵ Festival Brasileiro da Cultura Surda, realizado em novembro de 2011, no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre (RS).

no mercado editorial; 183 materiais, produzidos por estudantes do curso de Letras-Libras; 126 vídeos em Libras, postados no YouTube; e em torno de 20 materiais em cada uma das regiões investigadas.

Obviamente que muitas análises podem ser realizadas, considerando a quantidade e a diversidade dos materiais encontrados. O objetivo, neste artigo, é apresentar uma visão mais geral das narrativas registradas no DVD e as recorrências encontradas. Esse acervo, organizado entre 1990 e 2011⁶ abrange materiais que atendem, no mínimo, a um dos seguintes critérios: disponibilidade em Libras; apresentação de autores/contadores de histórias surdos ou ouvintes bilíngues; apresentação de temáticas relacionadas aos surdos; produção em locais em que há um movimento surdo organizado. Neste sentido, encontramos uma diversidade de materiais, tais como: vídeos de histórias contadas em Libras; textos na escrita da língua de sinais; traduções da Libras para a escrita da língua portuguesa – em diversificadas formas, como livros, DVDs, documentários, filmes, teatro, fotos, desenhos e outras produções artístico-culturais. Obviamente, análises mais pontuais foram/estão sendo realizadas por pesquisadores vinculados ao referido projeto, a exemplo de trabalhos publicados no livro *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*, organizado pelas coordenadoras do projeto (Karnopp; Klein; Lunardi-Lazzarin, 2011), que favoreceu a divulgação de pesquisas relacionadas a esse acervo, bem como estabeleceu parcerias com outros pesquisadores e artistas.

Além disso, algumas dessas análises são de pesquisadores das instituições parceiras (UFRGS, UFPel e UFSM), em trabalhos de pós-graduação e graduação que focalizam as produções editoriais oficializadas (Müller, 2012); as que circulam livremente na internet (Schallenberger, 2010; Pinheiro, 2011); as dos acadêmicos do curso de graduação em Letras-Libras (Rosa, 2011; Mourão, 2011; Pokorski, 2014); entre outros trabalhos e artigos publicados (Furtado, 2012; Silva, 2012; Bosse, 2014; Moraes, Santos, 2012; Santos, Moraes, 2013).

Este breve panorama nos aponta a multiplicidade de formas com que as narrativas e diferenças têm estado presentes nas produções culturais e serve de pano de fundo para a seção seguinte, que apresenta resultados mais gerais sobre o acervo.

Sobre o que ensinam as produções surdas: algumas recorrências nas narrativas

Dirigindo o olhar ao acervo sistematizado na pesquisa em foco, é preciso apontar que as narrativas cumprem tanto uma função política quanto poética, as

⁶ Percebeu-se nesta pesquisa, relacionada à produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira, que houve, a partir da década de 1990, sobretudo a partir do ano 2000, uma explosão de produções culturais que, além de enfatizarem o sujeito surdo, abordam questões relacionadas à cultura surda, o que não se percebia anteriormente, levando-se em consideração produções com divulgação em larga escala. Tendo em vista que esse período abrange uma quantidade representativa de produções culturais, fez-se esse recorte para fins de análise. No entanto, levantamos as seguintes inquietações: essas produções em grande escala poderiam estar relacionadas ao reconhecimento da Libras como língua oficial dos surdos brasileiros? Por que em anos anteriores não eram publicadas tais produções? Como a Libras é narrada nestas histórias? Isso poderia estar atrelado às atuais políticas de inclusão?

quais estão mais ou menos evidenciadas nas produções culturais em Libras ou nas representações que emergem dessas produções. Tais funções frequentemente estão presentes em uma mesma narrativa, em que encontramos não somente uma preocupação no modo *como* determinada temática é apresentada, mas também nos *efeitos* e nas *consequências* das representações de surdos em tramas narrativas diversas.

Como primeira possibilidade de análise, podemos verificar a articulação política e poética em produções que reivindicam a identidade surda pela marcação da diferença. Podemos tomar como exemplo os poemas *Menino surdo* e *Mãos irrequietas* (produções de alunos do Letras-Libras), que marcam claramente o valor da língua de sinais para os surdos e a resistência do movimento surdo às práticas oralistas. Essas duas produções marcam o predomínio de um engajamento político, e sobressaem, nos textos, conhecimentos de aspectos históricos da surdez (por exemplo, referências ao Congresso de Milão),⁷ de filosofias educacionais, de implantes cocleares, entre outros. Essas narrativas – *Menino surdo* e *Mãos irrequietas* – fazem referência de modo direto às reivindicações da identidade por meio da diferença, em um engajamento político explícito. No entanto, nessas produções também é possível identificar o predomínio da função poética mediante um jogo entre as metáforas criadas e a expressividade da língua de sinais. Tais recursos linguísticos são explorados na modalidade visual-gestual da língua de sinais, por meio de recursos composicionais e imagéticos originais, seja em forma de poesia, de quebras de expectativas, de finais abertos ou mais persuasivos, de uma relação bastante próxima com a agenda de luta do movimento surdo; seja pela valorização das “mãos” e da língua de sinais, pelo bilinguismo como proposta educacional linguisticamente adequada aos surdos, pela presença do professor surdo nas escolas, entre outras possibilidades.

Uma segunda possibilidade de análise provém de narrativas que estão relacionadas à experiência visual de pessoas surdas, mas que também estabelecem uma intertextualidade, um diálogo com histórias que circulam em artefatos culturais em outras línguas e formatos, derivando não somente uma intertextualidade, mas também uma tradução visual e cultural com marcas da experiência surda. Nesse processo de estabelecer diálogo com outros textos/obras, línguas e imagens, muitas produções culturais surdas lançam mão, diversas vezes, de textos clássicos e consagrados em um universo literário ou midiático, a exemplo de histórias que são contadas a partir de livros, filmes, desenhos, como as histórias de King Kong, da Bíblia ou da Cinderela. Tais histórias inserem personagens e experiências surdas em clássicos da literatura infantil, a exemplo da produção teatral de *Branca de Neve e os sete anões surdos*, dos livros *Cinderela surda*, *Rapunzel surda* etc., ou de personagens afinados com a visualidade, como o caso da produção cinematográfica de Charles Chaplin, que frequentemente figura como personagem em uma polifonia narrativa presente em produções culturais surdas. Além disso, as produções teatrais

7 Evento que ocorreu na cidade de Milão, Itália, em 1880, em que foi definida a hegemonia da abordagem oralista na educação de alunos surdos, em detrimento do uso de língua de sinais nos espaços educativos. Este evento é exaustivamente citado em narrativas sinalizadas nas comunidades surdas e em textos acadêmicos que abordam a história da educação de surdos.

da companhia de teatro Mãos Livres, como o espetáculo *Palhaços surdos*, trazem narrativas divertidas, com significados abertos, desafiadores e polissêmicos, direcionados a um público surdo/ouvinte ou misto.

Uma terceira possibilidade de análise deriva da identificação de produções culturais surdas em que predomina um discurso mais persuasivo, informativo ou militante, por intermédio de narrativas voltadas à definição de interesses pessoais ou de grupo. Tais narrativas apelam para um enredo linear, baseado em imagens que exaltam a diferença e opõem-se à deficiência, a exemplo da apresentação pessoal de surdos acadêmicos no YouTube (mestres e doutores), que faz parte de um movimento de empoderamento de surdos na comunidade acadêmica ocorrido em um contexto de luta pela defesa da escola bilíngue. Outro exemplo advém da narrativa *A cultura surda na escola inclusiva*, em que prevalece a explicitação e argumentação de uma docente surda sobre as fragilidades da escola inclusiva. Ainda mais exemplos estão na viagem realizada a Brasília, em que foram coletadas fotos, filmagens, depoimentos, entrevistas, charges, *slogans* em cartazes, entre outros materiais, durante a manifestação histórica do Movimento Surdo em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos, ocorrido em 2011. Tais narrativas estão conectadas com a defesa de interesses do movimento surdo – a defesa da educação de surdos –, em um momento político de tensão entre as propostas políticas do Ministério da Educação e as proposições do movimento surdo.⁸

Essas análises aqui apresentadas não esgotam as possibilidades analíticas, tendo em vista a riqueza e a diversidade das produções culturais. No entanto, trazem apontamentos, proposições, articulações e imagens da diferença que vem sendo construída nas narrativas produzidas em comunidades surdas.

Sobre o jogo do mesmo e do múltiplo nas produções surdas

Neste artigo, tomamos a narrativa como uma forma de analisar histórias contadas em língua de sinais, uma vez que, por meio das histórias que são contadas por surdos, temos uma forma de ver os sinais que são produzidos e entender sua cultura e seus pontos de vista.

Com base na análise dos materiais contidos no relatório da pesquisa, disponível no DVD, podemos enumerar algumas razões para considerar a narrativa uma forma adequada de tornar mais visíveis os significados produzidos nas histórias sinalizadas: as narrativas revelam conhecimento tácito e partilhado pelos membros da comunidade surda, importante para compreendermos as experiências e os significados culturais de suas lutas, de seus desejos; as histórias que são contadas têm um lugar e um contexto significativo, permitindo que por meio delas tenhamos acesso ao

⁸ Para mais detalhes, é importante conferir o artigo intitulado "Em defesa da escola bilíngue para surdos: o contexto brasileiro", de Campello e Rezende (2014).

entendimento de sua relevância na constituição de identidades e diferenças; a tradição de contar histórias está presente de forma intensa na comunidade surda, em diferentes contextos e com diversos propósitos. Assim, podemos encontrar histórias que circulam entre os surdos, mais frequentemente nas associações de surdos, e que estão disponíveis para um público misto e amplo, como muitas das histórias que estão disponíveis no YouTube ou no mercado editorial.

Outro destaque é que encontramos tanto a função poética quanto a função política nos materiais analisados, em qualquer subconjunto de agrupamentos realizados: estão presentes em livros, DVDs, ilustrações, filmes etc. Tal forma de apresentação dos materiais envolve adicionalmente a tradução linguística e a articulação de olhares entre culturas, considerando o público, o objetivo, o propósito da narrativa, a autoria e o contexto discursivo em que foi produzida. De um modo mais geral podemos dizer que, com a análise das narrativas, “os surdos começam a se narrar de uma forma diferente, a serem representados por outros discursos, a desenvolverem novas identidades surdas, fundamentadas na diferença [...]” (Skliar, 1999, p. 12).

Destacamos também que as narrativas traduzem grande parte das experiências dessa comunidade, transmitindo os valores e as normas de conduta do povo surdo. As narrativas analisadas servem como uma ferramenta com função poética e política para determinados propósitos, incluindo o respeito à identidade linguística e cultural de pessoas surdas, a defesa da língua de sinais, da educação bilíngue, dos intérpretes de língua de sinais e dos recursos de acessibilidade. As narrativas produzidas exercem formas de organização e articulação política, bem como estabelecem e mantêm a identidade cultural (Karnopp, 2013).

Destaquemos a materialidade analisada, evidenciando um conjunto múltiplo de produções culturais surdas. A variedade de tipologias narrativas demonstra a riqueza de possibilidades de inscrições identitárias em que as diferenças são justamente a potência dessas produções.

Vemos uma insistência na demarcação da luta pelo direito a narrativas de si que pretendem a inversão de representações marcadas por lógicas da deficiência e da correção, como também a produção de outras lógicas de caráter culturalista, mas que se mantêm num jogo de captura da identidade. Nesse ponto, perguntamos com Hall (2000): quem precisa da identidade? Evidenciamos nos materiais analisados uma recorrência de narrativas que evocam a comunidade, o pertencimento a partir do compartilhamento da língua de sinais e de histórias que se reinscrevem em tempos e espaços distintos.

Contudo, na perspectiva de uma poética, evidenciamos as possibilidades de criação de múltiplos sentidos que, ao contrário de uma demarcação do mesmo, prolifera a multiplicidade de sentidos que emergem a cada nova produção surda que circula e se dissemina.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. 2009. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BOSSE, Renata Ohlson Heinzelmann. *Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/LEIS/2002/L10436.htm>.
- CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 2 [Edição Especial], p. 71-92, 2014.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- DU GAY, Paul et al (Org.). *Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman*. London: Sage, 1997.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-138.
- FESTIVAL BRASILEIRO DE CULTURA SURDA, 2011, Porto Alegre. Realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <www.culturasurda.ufrgs.br>; <<http://www.ufrgs.br/culturasurda/#>>.
- FURTADO, Rita Simone Silveira. *Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- HALL, Stuart. The West and the rest: discourse and power. In: HALL, Stuart; GIEBEN, Bram (Ed.). *Formations of Modernity*. Cambridge, UK: The Open University, 1992. Chapter 6, p. 275-331. URL: <http://philosociology.com/UPLOADS/_PHILOSOCIOLOGY.ir_Formations%20of%20Modernity%20_Understanding%20Modern%20Societies%20_An%20Introduction%20.pdf>.
- HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais em língua brasileira de sinais (Libras). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 407-413, jul./set. 2013.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L. (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

KARNOPP, Lodenir Becker et al. (Org.). *Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013. 1 DVD.

LANE, Harlan. *The wild boy of Aveyron*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1976.

MORAES, Violeta Porto; SANTOS, Angela Nediane. "Bichi Cletta & Maravilha": rompendo com os significados essencializados de cultura surda. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL (ANPEd SUL), 9., 2012. [Anais...] Caxias do Sul: ANPEd, 2012. p. 1-12. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Trabalho/08_18_22_2121-7335-1-PB.pdf>.

MOURÃO, Cláudio Henrique N. *Literatura surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MÜLLER, Janete Inês. *Marcadores culturais na Literatura Surda: constituição de significados em produções editoriais surdas*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PADDEN, Carol A. Sign Language geography. In: MATHUR, Gaurav; NAPOLI, Donna Jo. *Deaf around the world: the impact of language*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 19-37.

PINHEIRO, Daiane. *YouTube como pedagogia cultural: espaço de produção, circulação e consumo da cultura surda*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. *Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de Letras-Libras*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ROSA, Fabiano Souto. *O que sinalizam os professores surdos sobre Literatura Surda em livros digitais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2011.

SANTOS, Angela Nediane; MORAES, Violeta Porto. *Kit lendas amazônicas: conveniências políticas atravessando produções culturais surdas*. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 5.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 2., 2013, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Casa Leiria, 2013. p. 1-9.

SCHALLENBERGER, Augusto. *Ciberhumor nas comunidades surdas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Bianca Gonçalves da. *Memórias e narrativas surdas: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?* 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. p. 197-208.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel et al. *A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras*. São Paulo: Moderna, 2012.

108

SKLIAR, Carlos (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

Lodenir Becker Karnopp, professora do Departamento de Estudos Especializados e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Produtividade em Pesquisa 2-CNPq – Processo 306626/2012-8).

lodenir.karnopp@ufrgs.br

Madalena Klein, professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

kleinmada@hotmail.com